

MACHADO DE ASSIS – O CRÍTICO LITERÁRIO

Pedro Paulo Montenegro

Machado de Assis escreveu ininterruptamente dos 15 aos 69 anos de idade. Os primeiros textos datam da década de 1850 e são poemas sem valor artístico publicados principalmente na revista carioca *Marmota Fluminense*. Os últimos são do ano de sua morte, 1908, e pertencem ao Memorial de Aires, um dos 5 grandes romances que compôs.

Interessou-se por todas as formas de expressão literária: Crônica, poesia, teatro, tradução, crítica, ensaio, conto e romance. Em todas essas espécies deixou realizações importantes, tendo se mostrado um gênio no conto e no romance. A medida que o tempo passava, foi se concentrando na crônica, no conto e no romance.

Outra peculiaridade de Machado de Assis: sua obra revela muita independência com relação aos estilos e modas literárias de seu tempo: Romantismo, Realismo, Naturalismo, Impressionismo, Parnasianismo, Simbolismo. Contribuiu para a formação de quase todas essas tendências, mas não se filiou com exclusividade a nenhuma em especial, extraindo delas apenas o indispensável para a criação de seu próprio estilo.

Arte – e arte literária – jamais é improvisação. É antes esforço diuturno, no caso de Machado de Assis, de dedicação, na rotina de escrever todo dia para atingir a expressão perfeita.

Das crônicas aos romances, tudo foi se transformando numa enorme oficina de produção de texto, em que a habilidade adquirida em vez de gerar a estabilidade, provoca cada vez mais a experimentação. Indagou todas as formas. Criou inúmeros tipos de personagem. Rompeu com o enunciado unívoco e fundamental o estilo experimental de muitas vozes e tendências múltiplas. Foi a “carnavalização” da literatura brasileira.

Machado não foi só, como José de Alencar, um criador crítico, foi também um praticante da crítica, da crítica enquanto tribuna esté-

tica e enquanto análise e julgamento das obras literárias. José Guilherme Merquior, em seu trabalho *De Anchieta a Euclides* afirma: “Os seus primeiros ensaios, *Instinto de Nacionalidade* (1873), *A Nova Geração* (1979) não têm o que os sobrepuje na produção crítica contemporânea, sem excluir os melhores estudos de Romero, Veríssimo ou mesmo Araripe Júnior”.

Acompanhemos um pouco mais a análise de Merquior: “*No Instinto Nacionalidade*, Machado aplica à literatura brasileira o conceito de um nacionalismo *interior*, antes residente no modo de sentir do que na exibição epidérmica de tropicália exótica”. E continua: “Com a exigência de *certo sentimento íntimo*, que torne o autor homem de seu tempo e de seu país, ainda quando trate de assunto remoto no tempo e no espaço, a poética machadiana supera o indianismo historicamente esgotado, em direção ao sopro universalista haurido pela cultura pós-romântica”.

Na crítica sobre *O Primo Basílio*, de Eça e Queiroz, Machado de Assis julga – e com razão – que os caracteres de Eça não têm vida própria, atuando como simples bonecos de uma intriga mecanicamente concebida. Quanto à obsessão fotográfica, o ideal de inventário naturalista, Machado opõe-lhe a *verdade estética*. E doutrina: “há um limite intranscendível entre a realidade, segundo a arte e a realidade segundo a natureza”.

Machado de Assis tinha a intuição da crítica moderna, quando defendia que a instância decisiva da interpretação não é a vida dos escritores, mas a linguagem da obra e que o foco do olhar crítico deve estar no universo das formas, sede da *verdade estética*.

Para Afrânio Coutinho, “A crítica de Machado ao *Primo Basílio* e ao *Padre Amaro* concernem ao enredo, à trama dos acontecimentos, ao caráter dos personagens. É a regra aristotélica de crítica”.

Afirma Afrânio Coutinho: “Aristóteles assume sempre uma posição estética”. Assim vemos que a finalidade da poesia é o prazer estético, o valor e o efeito moral não dizem respeito à crítica literária, mesmo que nela existam.

Nesse terreno, mantém-se a crítica de Machado de Assis, que conclui: “Verdade estética – eis a palavra suprema e o conceito dominante nessa análise”. Análise implacável e definitiva, que hoje podemos subscrever, do naturalismo de Eça.

Foi precisamente pela crítica que Machado de Assis estreou no jornalismo. Em 1858, com menos de dezenove de idade, Machado de Assis escrevia no *Marmota* de Paula Brito, uma série de artigos críticos sob o título *O passado, o presente e o futuro da literatura*.

Para Alfredo Pujol, era talvez demasiada pretensão, para o crítico de dezenove anos, de abarcar o vasto assunto daquela epígrafe e se espanta como se esboçavam naquele cérebro de adolescente idéias sensatas e conceitos seguros acerca dos problemas literários.

Em 1862 apareceu no Rio de Janeiro a revista *O Futuro*, fundada por Faustino Xavier de Novaes. Ramalho Ortigão ali escrevia a crônica da literatura portuguesa. A Machado de Assis foi confiada a crônica da literatura brasileira.

No primeiro número de *O Futuro* faz Machado de Assis a análise do romance de José de Alencar – *As Minas de Prata* – Inicia a análise com uma advertência que metaforicamente dirige a sua própria pena de cronista, da qual se destacam alguns pensamentos: “Não te envolvas em polêmicas de nenhum gênero, nem políticas, nem literárias, nem quaisquer outras... O pugilato das idéias é muito pior que o das ruas... Sê entusiasta para o gênio, cordial para o talento, desdenhosa para a nulidade, justiceira sempre, tudo isso com aquelas meias-tintas tão necessárias aos melhores efeitos da pintura”.

Apesar dessa feição natural do seu temperamento, a isenção do seu espírito e o seu horror do dogmatismo, a sua sensibilidade estética e as suas raras faculdades de abstração valeram-lhe desde moço o primeiro lugar entre seus contemporâneos, no domínio da crítica literária.

Por sua análise passaram *A Moreninha* e outras obras de Joaquim Manoel de Macedo e *Iracema*, de José de Alencar.

Com Alencar manteve expressiva correspondência crítica a respeito do jovem Castro Alves, no ano de 1868, quando desembarcou o poeta no Rio de Janeiro, vindo da Bahia. Numa dessas missivas escreve Alencar a respeito de Machado: “O senhor foi o único de nossos modernos escritores que se dedicou à cultura dessa difícil ciência que se chama crítica. Uma porção do talento que recebeu da natureza, em vez de aproveitá-lo em criações próprias, não duvidou aplicá-lo a formar o gosto e desenvolver a literatura pátria. Do senhor, pois, do primeiro crítico brasileiro, confio a brilhante vocação literária que se revelou com tanto vigor.”.

Alceu Amoroso Lima – Tristão de Ataíde – estudando a obra crítica de Machado de Assis, observou: “Perdeu-se em Machado de Assis um dos maiores dos nossos críticos.”. E continua: “O conceito de Mário de Alencar, vendo na vocação crítica – a feição principal de seu engenho – creio ser perfeitamente ratificada.”.

E prossegue Alceu destacando e analisando as manifestações críticas do autor de Dom Casmurro: “O Ideal Crítico, O Passado, o Presente e o Futuro da Literatura, Idéias sobre o Teatro, O Instinto de Nacionalidade, A Nova Geração, A Crítica Teatral, José de Alencar: Mãe, Propósito, J.M. de Macedo: O Culto de Dever, José de Alencar: Iracema, Junqueira Freire: Inspirações de Claustro, Fagundes Varela: Contos e Fantasias, O Teatro Nacional, O Teatro de Gonçalves Magalhães, O Teatro de José de Alencar, O Teatro de Joaquim Manoel de Macedo, Porto Alegre: Colombo, Álvares de Azevedo: Lira dos Vinte Anos, Castro Alves, Lúcio de Mendonça: Névoas Matutinas, Fagundes Varela, Eça de Queirós: O Primo Basílio, Francisco de Castro: Harmonias Errantes, Raimundo Correia: Sinfonias. São alguns de seus muitos trabalhos científicos publicados e difundidos em periódicos.

Entre os nossos críticos, foi Machado de Assis quem primeiro agitou a necessidade de se afirmarem na literatura brasileira os traços de nossa nacionalidade. Já em 1858 preocupava-o a emancipação do nosso espírito literário.

Era ainda um adolescente quando escreveu na *Marmota*: “Parece que o terror de uma época colonial inoculava nas fibras íntimas do povo o desânimo e a indiferença. A poesia de então tinha um caráter essencialmente europeu. Gonzaga, um dos mais líricos poetas da língua portuguesa, pintava cenas do Arcádia, na frase de Garrett, em vez de dar uma cor local à sua lira, em vez de lhe dar um cunho puramente nacional. Daqui uma grande perda: a literatura escravizava-se, em vez de criar um estilo seu, de modo a poder mais tarde influir no equilíbrio literário da América.”.

Esta revolta do crítico adolescente reapareceu no seu notável estudo *O Instituto da Nacionalidade*, publicado em 1871 na revista *O Novo Mundo*, editada em português, em Nova York.

Num estudo crítico, publicado em 1878, na *Revista Brasileira*, Machado de Assis analisou as diversas correntes estéticas a que obede-

cia a poesia nova, “uma expressão incompleta, difusa, transitiva, alguma coisa que, se ainda não é o futuro, não é já o passado.”

Definindo a feição característica do movimento poético, afirmou ainda uma vez a necessidade de se subordinar a nova geração às condições do meio, evitando a influência de literaturas ultramarinas. E, depois de investigar as inclinações de cada qual dos poetas submetidos ao seu exame e de lhe notar as falhas ou as demasias, conclui: “A nova geração freqüenta os escritores da ciência, não há aí poeta, digno desse nome, que não converse um pouco ao menos, com os naturalistas e filósofos modernos. Devem, todavia, acautelar-se de um mal: o pedantismo.”

Este profundo senso crítico, disciplinado pelo bom gosto nativo, isento de dogmas, de escolas e de sistemas e servido por uma rara sinceridade, devia fazer de Machado de Assis o supremo mentor da literatura. Não o que quiseram as gerações novas. Por muito tempo o negaram e combateram. Retraiu-se a sua sensibilidade magoada, de então para diante, só raramente, em alguns períodos de crônica, e num ou noutro esboço, atreveu-se a fazer crítica literária a propósito de Raul Pompéia, José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Magalhães de Azevedo, Graça Aranha, Mário de Alencar e raros outros.

É provável que a prática da crítica convencional lhe tenha permitido descobrir os rumos que depois tomou sua produção literária, construindo uma aprendizagem decisiva.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MACHADO de Assis. Obras Completas. José Aguilar, Editora. Rio de Janeiro, 1959.

MAGALHÃES Júnior, R. Machado de Assis Desconhecido. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1955.

COUTINHO, Afrânio. Machado de Assis na Literatura Brasileira. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 1990.

PUJOL, Alfredo. Machado de Assis. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 2007.

MERQUIOR, José Guilherme. De Anchieta a Euclides. Jose Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1977.

VIANA FILHO, Luís. A Vida de Machado de Assis. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1965.

BRAYNER, Sonia. Labirinto do Espaço Romanesco. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1979.

BOSI, Afredo e outros. Machado de Assis. Editora Ática. São Paulo, 1982.